

Entre a coerência e a fanfarronada

Lentamente, menos lentamente do que a abertura política e mais lentamente do que seria desejável, o Brasil esta se recuperando da grave enfermidade que o tem retido na imobilidade quase total, consequência da doença que herdou do exterior e que todos os dias está fazendo suas vítimas na América Latina, em particular, e no mundo, em geral. Com uma receita de efeito mais lento, mas menos violenta do que a preconizada por alguns cérebros privilegiados, aqui e no exterior, o país começa a vislumbrar a luz no fim do túnel. O otimismo inabalável do ministro Delfim Netto vem hoje expresso, em letra de forma, na pormenorização técnica da quinta carta de intenções acertada com o FMI, que prevê as metas para estes três primeiros trimestres de 84. Acertadas as contas de 83, o país pôde reservar parte do primeiro semestre a recuperar o fôlego, para reiniciar a caminhada para a retomada do desenvolvimento.

O ministro não tem dúvida em assegurar que no início do segundo semestre o progresso já será visível, principalmente no setor industrial, ao mesmo tempo que uma nova política agrícola promete cumprir a promessa do presidente Figueiredo, de encher a panela do pobre. Claro que, infelizmente, este otimismo do ministro do Planejamento ainda não significa o fim da fome, da miséria quase total a que está voltada uma ampla parcela da população brasileira. Mas, já é um sinal de esperança. Uma coisa, por exemplo, de que nossos vizinhos argentinos não podem se beneficiar, mesmo depois da maravilhosa vitória democrática que foram suas pacíficas e exemplares eleições diretas para a Presidência.

As fanfarronadas eleitoreiras estão hoje mostrando seus resultados aos vencedores do pleito. Na ordem econômica vigente somente existem dois caminhos,

que são um só: pedir emprestado e, depois, pagar, custe o que custar. Muito apertado, o endividado pode ainda gritar que deve e não nega e pagará quando puder. Mas não pode, jamais, dizer que não paga ou questionar aquilo que deve, sob pena de fazer recair sobre ele a suspeita e o calote que tanto alarma o português do boteco da esquina, quanto aos banqueiros das esquinas de Wall Street. Com uma inflação galopante que já está nos 400% e não dá sinais de parar de subir, o país que Alfonsín prometeu criar está conhecendo uma das maiores especulações cambiais do mundo (o dólar no paralelo está a mais de 60% do oficial) já que o Governo não dispõe de reservas para o garantir a um nível moderado e os especuladores sabem que, a qualquer hora o governo vai ceder às pressões da banca privada internacional e recorrer a eles para pagar suas dívidas. Com isso, o círculo vicioso da crise sufoca um dos raros países do mundo que tinha tudo para estar bem — auto-suficiente em petróleo e alimentos. Culpa do ufanismo ditatorial que as diretas prometem ter enterrado de vez, é certo, mas que a fanfarronada eleitoreira não está deixando resolver.

Não basta — é o que se conclui — fazer diretas. São necessárias soluções práticas fundamentadas na realidade histórica do mundo em que vivemos, para que um sublime ato de votar em liberdade não se transforme num arrependimento amargo. Se há exemplos que o Brasil pode e deve tirar no universo que o cerca, pode escolher o comportamento disciplinado do povo argentino na hora do voto, mas deve desconfiar sempre das promessas fáceis dos que ambicionam o poder acima de tudo, sem o respaldo da coerência. A propósito, foi mais fácil mudar o governo da Argentina, do que o seu relações públicas no Brasil, que continua o mesmo dos dias negros da ditadura.